

Álvaro de Campos

## INSÓNIA

### INSÓNIA

Não durmo, nem espero dormir.  
Nem na morte espero dormir.

Espera-me uma insónia da largura dos astros,  
E um bocejo inútil do comprimento do mundo.

Não durmo; não posso ler quando acordo de noite,  
Não posso escrever quando acordo de noite,  
Não posso pensar quando acordo de noite —  
Meu Deus, nem posso sonhar quando acordo de noite!

Ah, o ópio de ser outra pessoa qualquer!

Não durmo, jazo, cadáver acordado, sentindo,  
E o meu sentimento é um pensamento vazio.  
Passam por mim, transtornadas, coisas que me sucederam —  
Todas aquelas de que me arrependo e me culpo —;  
Passam por mim, transtornadas, coisas que me não sucederam —  
Todas aquelas de que me arrependo e me culpo —;  
Passam por mim, transtornadas, coisas que não são nada,  
E até dessas me arrependo, me culpo, e não durmo.

Não tenho força para ter energia para acender um cigarro.  
Fito a parede fronteira do quarto como se fosse o universo.  
Lá fora há o silêncio dessa coisa toda.  
Um grande silêncio apavorante noutra ocasião qualquer,  
Noutra ocasião qualquer em que eu pudesse sentir.

Estou escrevendo versos realmente simpáticos —

Versos a dizer que não tenho nada que dizer,  
Versos a teimar em dizer isso,  
Versos, versos, versos, versos, versos. . .  
Tantos versos. . .  
E a verdade toda, e a vida toda fora deles e de mim!

Tenho sono, não durmo, sinto e não sei em que sentir  
Sou uma sensação sem pessoa correspondente,  
Uma abstracção de autoconsciência sem de quê,  
Salvo o necessário para sentir consciência,  
Salvo — sei lá salvo o quê. . .

Não durmo. Não durmo. Não durmo.  
Que grande sono em toda a cabeça e em cima dos olhos e na alma!  
Que grande sono em tudo excepto no poder dormir!

Ó madrugada, tardas tanto. . . Vem. . .  
Vem, inutilmente,  
Trazer-me outro dia igual a este, a ser seguido por outra noite igual a esta. . .

Vem trazer-me a alegria dessa esperança triste,  
Porque sempre és alegre, e sempre trazes esperanças,  
Segundo a velha literatura das sensações.

Vem, traz a esperança, vem, traz a esperança.  
O meu cansaço entra pelo colchão dentro.  
Doem-me as costas de não estar deitado de lado.  
Se estivesse deitado de lado doíam-me as costas de estar deitado de lado.

Vem, madrugada, chega!

Que horas são? Não sei.  
Não tenho energia para estender uma mão para o relógio,  
Não tenho energia para nada, para mais nada. . .  
Só para estes versos, escritos no dia seguinte.  
Sim, escritos no dia seguinte.  
Todos os versos são sempre escritos no dia seguinte.

Noite absoluta, sossego absoluto, lá fora.  
Paz em toda a Natureza.  
A Humanidade repousa e esquece as suas amarguras.  
Exactamente.  
A Humanidade esquece as suas alegrias e amarguras,  
Costuma dizer-se isto.  
A Humanidade esquece, sim, a Humanidade esquece,  
Mas mesmo acordada a Humanidade esquece.  
Exactamente. Mas não durmo.

27-3-1929

**Poesias de Álvaro de Campos.** Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993): 273.